

A mudança mineira

ROGÉRIO COELHO NETO

Pouca gente, País afora, já ouviu falar em Taiobeiras, Gil do Prado, Joaima ou Rubelita, municípios de economia rural do Vale do Jequitinhonha, no Estado de Minas Gerais. Esses municípios não contam, ainda, com diretórios bem estruturados do PT, mas deram ao candidato do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, votações expressivas, pouca coisa inferiores às que tributaram ao candidato do PRN e vencedor do primeiro turno, Fernando Collor de Mello.

A Minas do "coronel" Chichico Cambraia, dono todo-poderoso da política de Oliveira, um município que fica no Oeste do Estado que detém o segundo maior colégio eleitoral do País, mudou realmente. Como os políticos tradicionais, sejam conservadores ou progressistas, costumam quase sempre virar as costas aos fenômenos eleitorais que demarcam os diferentes ciclos da História do Brasil, Collor, primeiro, e Lula, depois, estouraram redutos que pareciam cativos de líderes que acreditavam que o poder de decidir eleições, mesmo nos grotões distantes dos grandes centros urbanos, era eterno.

O candidato do PDT, Leonel Brizola, ora amargando sua mais profunda decepção política, sem falar sério quando diz suspeitar da apuração eletrônica dos votos pelo TSE, foi uma dessas lideranças tradicionais, marcadas pelo regime de exceção de 1964, que não sentiu toda uma virada de ciclo político na toada crescente da campanha de Fernando Collor, nos idos de abril. Brizola havia se preparado para enfrentar, como signatários do pacto político de 1985, que redundou na organização da Nova República, Ulysses Guimarães (PMDB), Mário Covas (PSDB) e Aureliano Chaves (PFL), com a esperança, ainda, de, à sombra da administração impopular do presidente José Sarney, acabar vicejando a candidatura de direita de Jânio Quadros.

Quando Collor ascendeu às primeiras posições das pesquisas eleitorais, Brizola preferiu contestar os números que indicavam a consolidação de um fenômeno político-eleitoral a mudar o esquema que o levaria a responsabilizar Ulysses, Covas e Aureliano, pela desorganização econômica que ai

está, e Jânio — se sua candidatura vingasse —, por força da renúncia intempestiva de 1961, pela sementeira do caos político que sacode o País desde então. Alguns "generais" do PDT, com o cuidado de não se descobrirem, reclamam, também, da falta de ouvidos de Brizola para os conselhos dos que censuravam sua maneira de encerrar, tanto Collor quanto Lula, como brinquedos políticos que se desmanchariam por si.

É claro que o Nordeste teve uma importância transcendental nesse novo perfil da geografia política do Brasil que aca-

bou de sair das urnas, assim como distantes rincões dos Estados do Amazonas, Pará, Rondônia e Acre, ao norte do País. Mas a mudança de ciclo político começou, realmente, em Minas, quando em janeiro o Ibope — um instituto que brilhou na campanha para o primeiro turno das eleições presidenciais com previsões perfeitas — descobriu que Collor, então no exercício do mandato de governador de Alagoas, era a segunda alternativa dos 1.200 eleitores de Pedro Teixeira, um pequeno município do Sul do Estado, que ainda se dá ao luxo de falar o dialeto caipira.

Como a primeira opção de Pedro Teixeira era o governador mineiro Newton Cardoso, o começo da criação da imagem de Collor, interior brasileiro adentro, ficava bem nítido. Com a impressão de que a UDR de Ronaldo Caiado tinha ainda plantado fortes pilares no Vale do Jequitinhonha e no norte de Minas, os políticos mais conservadores do Estado que ajudou Lula a derrotar Brizola fizeram vista grossa à organização, na região, dos primeiros sindicatos rurais e a um trabalho permanente de conscientização da população que vive no campo pela Igreja progressista. Essa mudança de cabeça dos trabalhadores rurais mineiros não é de agora, no entanto. Começou, pacientemente, há quatro anos, explodindo no dia 15, sem que o próprio "coronel" Chichico Cambraia, sempre atento a mudanças políticas para as acompanhar e salvar seu império de Oliveira, tenha percebido, desta vez, que o PT estava chegando.

Collor e Lula estouraram redutos de lideranças tradicionais